

Primeiramente, peço licença para chegar nessa cerimônia de abertura que abre uma roda de partilhas, uma gira ou xirê especial. Saúdo minha diretora, Flávia Henrique, em nome da qual saúdo todos os demais representantes institucionais aqui presentes. Saúdo cada pessoa presente nesse momento. Saúdo Mameto Reishina de Angorô, em nome da qual saúdo todas as pessoas mais velhas. Saúdo Lízia, que estou muito feliz de conhecer hoje, em nome da qual saúdo todos os mais novos.

Me sinto, mais uma vez extremamente honrada de ser convidada a uma participação para prestar homenagem a nossa querida amiga e colega Fran.

Como já disse em outro momento, não dá pra sintetizar as contribuições criativas de Fran e todo seu legado. São realmente muitas inserções, mas seus fundamentos, a meu ver, se concentram na saúde coletiva, nos estudos feministas e transfeministas, no campo dos gêneros e sexualidades, na formação interdisciplinar e multiprofissional em saúde e, quem sabe, em uma incipiente trans-epidemiologia, que buscava enxergar para além dos números e alcançar as experiências de vida. Podemos passar muito tempo falando das qualidades acadêmicas de Fran, mas hoje peço uma licença poética. Gostaria de romper um pouco as “fronteiras dos jardins da razão” e dos maneirismos protocolares. Eu resolvi escrever uma carta para Fran, que passo a compartilhar com todos vocês agora.

“Fran, amiga querida!

Mando notícias do lado de cá! Sentei-me para lhe escrever essa carta e as águas mandam seus sinais, começa a chover! Com esse cheio fresco e úmido que só quando as águas tocam a terra se anuncia, quero logo te dizer que no CCS será inaugurado o auditório da biblioteca e esse local será ornado com teu nome! Está bem bonito, tem confortáveis cadeiras vermelhas e um palco de piso amadeirado. Como todo evento demarcado pelas institucionalidades, terá uma mesa com algumas pessoas. Me convidaram mais uma vez para falar, contribuir com o firmamento das suas

alembanças. Mas, amiga, dessa vez, não quero falar sobre você, eu quero falar com você.

Acho que esse dia, não por acaso, uma segunda-feira, é um pouco um dia-encruzilhada. De um lado, é um dia de celebração, e de outro, um dia de lembrar de uma passagem só de ida, que lhe levou para outras lonjuras. Pensar em encruzilhada em plena segunda-feira, é pensar em *Esù* ou *Nzila*, à quem sempre pedimos agó, em qualquer início. Como disse Aderbal Moreira, Ashogun do *Ilê Asè Omi Oju Arô*, no documentário “A boca do mundo - Esù no candomblé”: a encruzilhada é o “palco da vida”, “o buraco do mundo”. Encruzilhada é caminho que possibilita escolhas em direção aquilo que parece mais certo. Estamos inaugurando então, mais um espaço também de encruilhar, que, tomara, com seu palco e suas cadeiras vermelhas nos atravesse como um lugar-oráculo, lugar de encontros, de pontes, conexões. Lugar de encontrar a si e encontrar a outros, encontrar reconciliações com o passado e projetar do presente bem visto (com olhos de se ver), futuros melhores.

Como lugar-encruzilhada, esse espaço nasce pro mundo cheio de contradições. Quase tudo foi diferente do que imaginamos. Não foi no tempo que desejamos. Ninguém planejou e com certeza que não queríamos estar prestando fomenagem, referenciando este novo entre-lugar com seu nome, pelo motivo de sua partida. Mas, a realidade da vida, que sempre segue, se impõe. Choramos o luto, mas seguimos sempre nos ciclos da vida. Começo, meio e começo, dizem as culturas orgânicas, populares, circulares e tradicionais, como relata o Mestre Bispo. Vida, morte, vida, então, podemos sentir e observar, nos processos de transformação.

No meio desse caminho até o dia de hoje, mudaram as estações e muita coisa mudou. Felizmente, conseguimos frear o movimento retrógrado, conservador e neofascista no Brasil. Porém, está tudo ainda por aí. Precisaremos de muitos lugares de encruzilhada produtivos, muitos ebós de cuidados individuais e coletivos, muito sacudimento de corpos e da sociedade para conseguir varrer essa colonialidade destruidora dos nossos caminhos. Como diz o corrido das rodas de capoeira, amiga, “levanta a saia, que lá vem a maré”. Muito trabalho e luta pela frente.

Escolhemos coletivamente nomear esse auditório com “a sua graça”, com se dizia antigamente. Para que assim, nesse auditório-encruzilhada possamos lhe sentir ao nosso lado, com todas suas potências, seus afetos, criatividade e forças.

Amiga, quando eu comecei a pensar nesse momento, um vento me soprou a lembrança de um poema, que quero ler pra você. É um poema da escritora afro-americana Maya Angelou, chamado “Still I Rise”, “Ainda me levanto”. O poema diz o seguinte:

“Você pode me descrever na história
Com suas azedas, retorcidas mentiras,
Você pode pisar em mim enquanto estou na lama
Mas ainda assim, como poeira, eu me levanto.

A minha audácia te incomoda?
Por que você está cercado de melancolia?
Porque eu caminho como se tivesse petróleo
Jorrando na minha sala de estar?

Assim como luas e sóis,
Com a certeza das marés,
Assim como esperanças voando para o alto
Ainda me levanto.

Você quer me ver quebrada?
Com a cabeça curvada, os olhos baixos?
Os ombros caindo como lágrimas
Enfraquecidos pelos lamentos da minha alma.

Será que minha altivez te ofende?
Você não deveria levar isso tão a sério
Porque vou rir como se tivesse minas de ouro

Enterradas no meu próprio quintal.

Você pode me atirar com suas palavras,
Você pode me cortar com seus olhos,
Você pode me matar com seu ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu me levanto.

Será que minha sensualidade te ofende?
Será que isso vem como uma surpresa
Que eu danço como se tivesse diamantes
Entre as minhas coxas?

Para fora das cabanas da vergonha da história
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, amplo e pulsante,
Satisfeita e inchada eu me agarro às marés
Deixando para trás noites de terror e de medo
Eu me levanto
Rumo ao nascer de um dia maravilhosamente belo
Eu me levanto
Trazendo os presentes que meus antepassados me deram,
Eu sou o sonho e a esperança dos escravizados.
Eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.”

Senti de compartilhar esse poema com você pois achei nele uma forma de te retratar a alma. Achei também que ele fica muito bem composto, junto com outro retrato seu, feito pelo nosso grande amigo Tiago Botelho, no quadro-mural “Todos os corpos são dignos”. Ele te retratou em uma releitura contra-colonial da figura que impõem a

bandeira da Revolução Francesa. Te retratou como uma bela mulher trans, que empunha a bandeira da visibilidade trans no centro da imagem, com seu cabelo longo e trançado. Essa pintura nos atravessa em diversidades, mostrando corpos em muitas de suas possibilidades de existência: negros, indígenas, brancos, gordos e magros, de pele demarcada pelo vitiligo, corpos vitimizados pela fome, pelas desigualdades sociais, pela guerra, corpos no processo saúde-adoecimento-cuidado, corpos de diferentes matrizes espirituais, corpos para além dos humanos, animais. A mensagem da pintura, como os versos de Maya Angelou, deixa um eco:

Todos os corpos são dignos!

Todos os corpos são dignos!

Todos os corpos são dignos!

Amiga, repare em como você foi retratada na pintura e como eu te vejo no poema. Fran, você levantou a si própria tantas vezes, que personificou o próprio levante! “Vosmicê se alevantou, minha fia”, como diz no ponto de umbanda. Além de levantar a si própria, inspirou e inspira tantas de nós a nos levantarmos, sempre que a vida exige.

Desejo muito que esse local que lhe presta femengem, seja um local de nutrição pluriépistêmica, de alimentar a formação para o cuidado em suas infinitas versões e possibilidades. Um lugar que permita a todes, individual e coletivamente, ser afetado e provocado a dizer com ousadia (essa palavra baiana que aprendi): eu me levanto, nós nos levantaremos!

No candomblé, quando os recém iniciados no *awó*-mistério aparecerem em público pela primeira vez, recebem seu *orunkó* ou *dijina*, seu novo nome. Esse momento emocionante, é marcado por uma grande alegria e ao revelar seu nome o iniciado para orishá, que é rodante, pula arrebatado pelo transe. Vamos dar seu nome a esse auditório, e desejo que você como encantada possa estar presente, no levante de cada um que lá estiver naquele momento.

Quando eu estiver no momento da minha fala, na inauguração do auditório “Profa. Dra. Fran Demétrio Silva Santos”, em vés de uma “falação” burocrática, tentarei provocar uma fala-ação. Que em uma pequena ação simbólica, a gente possa estar mais perto de você, sentir a sua presença e tudo aquilo a que você continua nos inspirando. Você se levantou! Contribuiu pro levante de muitas e muites de nós. Também vou me levantar, amiga. E vou pedir a cada um que levante! Nós nos levantaremos!

E de pé vamos olhar sua imagem no mural e evocar sua presença para que nos levantemos como pessoas, nos levantemos enquanto coletivos! Que nos levantemos com tudo o que somos e com tudo que ainda podemos ser! Vamos quebrar um pouco os protocolos, como bem você gostava de fazer. Celebraremos Fran Demétrio, viva! Essa é a oferenda que quero lhe ofertar.

Te mando um abraço oceânico, com cheiro de terra molhada e de cusuz fresco e quentinho, como aquele tão gostoso que um dia você fez em nossa casa.

Santo Antônio de Jesus, 20 de março de 2023.”

Viva Fran Demétrio! Viva todos os corpos e as raízes recôncavas! Viva a UFRB e o CCS!
Muito obrigada, axé!